

Editorial

“A relação “Igreja e Política” deve ser ao mesmo tempo paralela e convergente. Paralela, porque cada um tem o seu caminho e as suas diversas tarefas. Convergente, apenas em ajudar o povo. Quando as relações convergem primeiro, sem o povo, ou não se importando com o povo, começa aquele conúbio com o poder político que acaba apodrecendo a Igreja: os negócios, os compromissos...” Papa Francisco

Prezados amigos e amigas

Estamos já terminando a 5a. turma do curso do CEFEP. Dez anos de trabalho exigente, mas com grande esperança. Um sinal de que o Reino de Deus já está presente entre nós. Uma corresponsabilidade, um empenho de todos e todas: as publicações, os boletins, as iniciativas várias nos estados e dioceses. A Rede de Assessores, as Escolas locais, os Seminários e assim por diante. Temos muito o que comemorar!

Oh! que prazer, que alegria, o nosso encontro de irmãos! E vamos celebrar os dez anos em conjunto, no mês de janeiro de 2016, em Brasília. Espero que já tenham recebido a comunicação e estejam se preparando para o evento. Não só aceitamos sugestões para a comemoração, mas supomos que seja uma festa da família e não para a família cefepiana.

Temos agora uma nova secretária, chamada Pietra, que começa o trabalho sob a orientação do Sidney, nosso eterno colaborador.

Um abraço fraterno, também do Geraldo Aguiar,

Pe. José Ernanne Pinheiro
Secretário Executivo do CEFEP

Evangelii Gaudium, nº 198

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica.

Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles.[163] Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem «os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus» (Fl 2, 5).

Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma «forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja».[164]

Como ensinava Bento XVI, esta opção «está

implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza».[165]

Por isso, desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. Além de participar do *sensus fidei*, nas suas próprias dores conhecem Cristo sofredor.

É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles. A nova evangelização é um convite a reconhecer a força salvífica das suas vidas, e a colocá-los no centro do caminho da Igreja.

Somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles".

Os índios nos salvarão, afirma bispo anglicano presidente do WCC para a América do Norte

Estamos entrando numa era na qual a gente não tem uma consciência mais ampla dos direitos dos povos indígenas. Não existe futuro para o nosso planeta se não se envolverem as populações indígenas”. É quanto afirmou o bispo Mark MacDonald, presidente do World Council of Church (WCC) para a América do Norte e presidente dos bispos indígenas da Comunhão Anglicana no Canadá. “No decurso dos últimos sete anos – explicou – constatei que os povos indígenas no Canadá e, de fato em todo o mundo andaram para a autodeterminação e a atualização dos principais valores dos antepassados. O que é de vital importância é a consciência pública coletiva que os povos indígenas devem atingir com sua autodeterminação. Isto – acrescentou o bispo anglicano – é o aspecto mais importante: aconteça o que acontecer”.

A nota foi publicada pelo jornal L'Osservatore Romano, 26-06-2015. A tradução é de Benno Dischinger.

Refletindo sobre o pensamento do teólogo católico Robert Schreiter, que dedicou os seus estudos ao tema da reconciliação,

MacDonald sublinhou que “reconciliar-se” significa reapropriar-se da identidade indígena. A reconciliação não ocorre quando um opressor reclama a própria humanidade. A identidade de uma pessoa indígena é com frequência ligada à terra. No mundo atual, há um assalto à terra e um comportamento agressivo na nossa relação com ela e com as criaturas que ali vivem. Este assalto é vivenciado de modo muito doloroso pelos povos indígenas. Muitas pessoas olham com dor para os eventos históricos a seguir dos quais os povos indígenas foram expropriados das suas terras.

Mas agora “a mudança climática levou a uma contínua expropriação das terras”. Segundo o presidente do WCC para a América do Norte, nos últimos anos se está assistindo a uma aceleração constante de tal depauperamento, que de tantos modos ameaça os povos indígenas e “as pessoas menos responsáveis são as mais atingidas”. O bispo anglicano recorda quando, durante a cúpula inter-religiosa sobre a mudança climática, de setembro de 2014 em Nova York, “trinta responsáveis religiosos, pertencentes a novas crenças diversas, lançaram um acurado apelo aos líderes políticos do mundo, afim de que respondessem de modo eficaz ao desafio da mudança climática. Muitos relatores falaram de justiça climática. Pois bem, segundo meu modo de ver – concluiu MacDonald – não há futuro para o nosso planeta que não envolva as populações indígenas”.

Fonte: IHU online

Em um ano, fiscais resgatam mais de seis mil do trabalho infantil

O Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) divulgou na sexta-feira (12), no Dia Mundial de Combate ao Trabalho Infantil, balanço dos últimos 12 meses de operações de fiscalização e resgate de crianças e adolescentes em condições de trabalho infantil. De acordo com a pasta, de maio de 2014 ao mesmo mês de 2015, o número de resgates chegou a 6.491 casos.

A reportagem foi publicada por Agência Brasil, 15-06-2015.

Para o chefe da Divisão de Erradicação do Trabalho Infantil, da Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT) do MTE, Alberto de Souza, “as infrações envolvendo adolescentes lideram em função da informalidade, situação onde esses brasileiros não contam com a proteção oferecida pela legislação”.

A faixa etária dos adolescentes se concentra entre 16 e 17 anos. Nessa faixa, foram registrados 3.689 casos em condição de trabalho infantil. O estado de Mato Grosso liderou, com 395 resgates em 12 meses, seguido do Distrito Federal, com 331 casos.

A segunda maior taxa de incidência de trabalho infantil se dá entre crianças de 10 a 15 anos, com 2.663 casos. Pernambuco teve 801 casos, o maior índice de ocorrências. O ministério resgatou 139 crianças com idades entre 4 e 9 anos, sendo 52 delas no mesmo estado.

Ações de conscientização em pelo menos 16 estados estão sendo promovidas hoje pelo Ministério do Trabalho. O objetivo é sensibilizar a sociedade para a necessidade de combater práticas onde os direitos das crianças sejam

suprimidos.

Entre os estados que terão atividades estão: Acre, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Goiás, Roraima, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rondônia e Santa Catarina.

Em seis estados, a prática de trabalho infantil é mais recorrente, de acordo com o balanço de operações do ministério. Pernambuco apresentou 957 casos, seguido por Mato Grosso do Sul, com 571. Na sequência, estão Minas Gerais (545), Santa Catarina (445), Mato Grosso (432), Distrito Federal (382), Rio Grande do Sul (333), Rio de Janeiro (323) e Sergipe (291).

Pela legislação brasileira, só é permitido o trabalho a partir dos 14 anos, com especificações de tempo de serviço, atividades exercidas e integração com a escola, por meio da Lei da Aprendizagem.

Fonte: IHU online



Cinquenta anos do decreto *Unitatis redintegratio*: a necessidade de um novo impulso ecumênico

Unitatis redintegratio tem 50 anos. Esse aniversário foi celebrado com maior ou menor intensidade em diversos lugares. Se os sinos de todas as catedrais na Alemanha, no dia 21 de novembro, tocaram para saudar o evento, em outros países ele foi lembrado com congressos, conferências, encontros, momentos de oração que se intercalaram nas semanas próximas ao dia do aniversário.

Também foi o pano de fundo ou a principal motivação das várias audiências do Papa Francisco que se encontrou com os representantes de diversas Igrejas e comunidades eclesiais. Esse "ir e vir" mostra que sempre existe um movimento ecumênico propriamente dito.

O ano de 1964 começara com o gesto profético do encontro em Jerusalém (5 de janeiro) e se concluíra com a promulgação do decreto sobre o ecumenismo (21 de novembro), prelúdio de muitos outros encontros.

Estes últimos se realizariam em diversas direções. Depois dos últimos debates particularmente difíceis (a famosa "semana negra" do Concílio), isso parecia ser uma vitória.

Também não se havia escrito na *Irénikon* (XXXVII, p. 466) que "o ecumenismo foi canonizado"? A porta estava aberta para todas as esperanças. Que ela possa não se fechar de novo, apesar dos friamentos que nos falam, sem dúvida, com razão, de um inverno ecumênico.

A porta está aberta e que permaneça aberta. O ecumenismo também precisa de ar fresco. Grande é a tentação de uma certa sonolência, de certas fusões satisfeitas, até mesmo complacentes.

Por outro lado, não ocorre o mesmo com a nova evangelização? Ela pode facilmente se tornar um discurso

interno, entre iniciados. Portanto, devemos ir para a periferia, para todas as periferias. O mesmo vale para o ecumenismo. Ele deve recuperar o fôlego.

Geralmente considerado um ponto de partida, o *Unitatis redintegratio* também é um ponto de chegada. Ele não caiu do céu; é o fruto de uma longa gestação. Não nos esqueçamos dos pioneiros, tão frequentemente artífices nas sombras, nem sempre bem compreendidos, que, rejeitando toda "interrupção de gravidez", tornaram possível o nascimento da Igreja Católica ao ecumenismo.

Recordemos aqueles vitrais das catedrais medievais que mostram os apóstolos empoleirados sobre os ombros dos profetas, com o olhar voltado para a frente. Celebremos os apóstolos e não nos esqueçamos dos profetas.

Além disso, a missão não esgota a profecia. Esta última ainda se inclui entre os carismas da Igreja apostólica. São Paulonos diz isso, falando da diversidade dos membros na unidade do corpo (cfr. 1Coríntios 12).

Ainda hoje precisamos dar prova de audácia. Voltemos àquele 5 de janeiro de 1964 que já antecipava aquele 21 de novembro repleto de promessas. Recentemente, evocando a figura de Paulo VI como o papa do diálogo, o cardeal Etchegaray lembrou que, durante o encontro em Jerusalém, ignorando que

os microfones ainda estavam ligados, pouco antes da troca dos discursos, foram gravadas as palavras que Paulo VI e Atenágoras disseram um ao outro: "O que podemos fazer para avançar juntos?".

Essa interrogação permanece. Permanece para a Igreja, para as Igrejas, e permanece para cada um de nós. O que podemos fazer para avançar juntos e dar, juntos, um novo sinal profético?

Fonte: IHU online



"Sociedade e Migração" é o tema da 30ª Semana do Migrante

De 14 a 21 de junho acontece a 30ª Semana do Migrante, promovida pelo Serviço Pastoral do Migrante (SPM) da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O tema "Sociedade e Migração" e o lema "Não ao preconceito, por direitos e participação" propõem o aprofundamento da reflexão contida na Campanha da Fraternidade 2015, a partir realidade dos migrantes presentes no Brasil.

"O SPM oferece, nesta 30ª Semana do Migrante, um rico trabalho para ajudar nossas comunidades a refletir, aprofundar e celebrar a realidade da migração, iluminadas pela vivência da Campanha da Fraternidade deste ano, cujo tema 'Igreja e sociedade' nos possibilitou compreender melhor e contextualizar a missão de Jesus e dos seus seguidores no mundo: 'Eu vim para servir'", explica o bispo de Pesqueira (PE) e referencial do setor pastoral da Mobilidade Humana da CNBB, dom José Luiz Ferreira Sales.

De acordo com o bispo, a proposta é dar continuidade e aprofundamento da reflexão sob "o prisma e o recorte da migração, presente na sociedade brasileira desde o seu nascedouro até os dias de hoje". O SPM disponibilizou para a Semana dois subsídios. Há o texto-base com a mensagem de dom José Luiz Ferreira Sales e a contextualização do tema e do lema escolhidos.

O outro material é a proposta de círculo bíblico elaborado por membros e equipes da Pastoral dos Migrantes em diversas cidades do Brasil. Para os encontros, foi indicada a metodologia "ver-iluminar-celebrar-agir". Essa estrutura é composta por fatos da vida, leitura da Palavra, momento de oração e sugestões de compromissos comunitários e individuais nas realidades apresentadas nos três encontros preparados pelo SPM.

Ao final é oferecida uma sugestão de celebração, que pode acontecer no formato de terço dos migrantes e ladainha dos excluídos.

Fonte: CNBB

De Greenpace, Legambiente e WWF aplausos à encíclica do Papa Francisco

As associações ambientalistas a acolheram com grande satisfação e emoção. E no domingo, 28 de junho, marcharão até a Praça São Pedro, na hora do Angelus, para levar uma saudação ao Pontífice e à sua encíclica “Louvado seja”.

A reportagem é de Alessandra Borella, publicada pelo La Repubblica, 18-06-2015. A tradução é de Benno Dischinger.

“Para um ambientalista, ler a encíclica do Papa Francisco sobre o ambiente dá uma estranha sensação de estupor e satisfação”. Quem fala é Vittorio Cogliati Dezza, presidente nacional de Legambiente que, junto aos presidentes de WWF e Greenpace, fizeram imediatamente sentir sua satisfação por este texto em defesa da natureza, da Terra e da ecologia. As três organizações marcharão juntas para a Praça São Pedro no domingo, dia 28, em Roma, para saudar a encíclica ‘verde’ de Bergoglio.

No texto de “Louvado seja, carta sobre o cuidado da casa comum”, o Papa Francisco narra a sua visão de um desenvolvimento eco-sustentável e não é condescendente sobre as responsabilidades de instituições e chefes de Estado. Escreveu um novo ‘cântico das criaturas’ quase oitocentos anos após aquele do santo do qual traz o nome. Um grito de alarme que todos os ambientalistas auspiciam não fique sem ser escutado fora dos muros vaticanos. Deve chegar nos palácios certos, aos ouvidos de quem os governa.

“Tantos temas que levamos em frente com tantas batalhas ambientalistas encontram uma autorizadíssima confirmação neste texto, encastoadada, além disso, numa iniludível solicitação ética e espiritual para os não-crentes, e religiosa para os que creem – continua Cogliati Dezza -. Um texto que se dirige a todos, os que têm fé ou não, e que obriga a uma reflexão sobre os grandes temas ambientais. Nenhum de nós pode ficar de fora, nem mesmo os grandes da Terra, aos quais compete maior responsabilidade e que desde hoje, graças a esta encíclica, terão mais dificuldades e em eludir as instâncias ambientais”.

Uma admoestação à qual os ‘poderosos da Terra’ não poderão escapar. Como Rússia e Estados Unidos, por exemplo, que ainda não ratificaram o protocolo de Kyoto. Sobre a concepção moral e ética interveio o WWF: “A mensagem do Papa Francisco acrescenta uma concepção moral, tão necessária para o debate sobre o clima. A mudança climática não é mais somente uma questão científica; é sempre mais uma questão moral e ética. Ela atinge as vidas, os meios de subsistência e os direitos de todos, em particular das comunidades pobres, marginalizadas e vulneráveis”, afirma Yolanda Kakabadse, presidente do WWF internacional. “Diante deste desafio para a natureza e a família humana, somente redescobrimos nossa solidariedade com o ouro, reduzindo os desperdícios e adotando consumo e produção sustentáveis, podemos salvar o planeta, sua vibrante diversidade da vida e garantir um futuro próspero para todos nós”.

2015 deve ser o ano de soluções concretas, visto que a próxima conferência da ONU em Paris é prevista para 21 de dezembro: “Lemos as palavras do Papa com profunda emoção – disse Donatella Bianchi, presidente da WWF Itália -. Já o Papa João Paulo II e, sobretudo o Papa Bento XVI, tinham por mais vezes apelado à salvaguarda da natureza e do ambiente. O Papa Francisco, dedicando uma encíclica inteira ao cuidado da casa comum, indica a amplitude e urgência da ação, examinando em detalhes o elo entre a vida humana e os mecanismos biológicos que a sustentam. A mudança climática, a destruição da biodiversidade, o exaurimento dos recursos e os desperdícios não são só danos a motivar cientificamente, mas com a encíclica se tornam questão moral e ética. A que é atingido é a vida, os meios de subsistência e os direitos de todos, em particular os das comunidades pobres, marginalizadas e vulneráveis. Mecanismos biológicos que se refinaram em milhões e milhões de anos são destruídos por apetites num breve período de poucos. Se lesa o direito a um planeta próspero e habitável para as futuras gerações”. Segundo o diretor executivo de Greenpeace Internacional, Kumi Naidoo, “cada um, religioso ou leigo, pode e deve responder a esta chamada com uma ação urgente e incisiva. O ambiente é um patrimônio coletivo da humanidade e a responsabilidade por seu cuidado cai sobre todos nós. Greenpace sempre compartilhou desta visão”.

“Apreciamos a clareza e o modo direto com que a encíclica sublinha a débil resposta da política internacional à mudança climática, com demasiados interesses particulares que prevalecem sobre o bem comum”, declara também Martin Kaiser, na chefia da Unidade sobre o Clima do Greenpace Internacional. “As palavras do Papa – conclui Kaiser – deveriam despertar os chefes de governo demasiado complacentes, encorajá-los a adotar leis severas nos respectivos países para proteger o clima”. Hoje, sustentou o cientista Hans Joachim Schellnhuber, fundador e diretor do Potsdam Institute for Climate Impact Research, estamos diante de mudanças climáticas que vão par a par com um mundo dividido entre pobres sempre mais pobres e ricos sempre mais ricos. Só que, acentuou Schellnhuber, são estes últimos que produzem a crise, com o seu cínico e atrevido abuso de riqueza e recursos comuns. Palavras duras, mas em consonância com uma Encíclica que liga a questão econômica e a questão ecológica de maneira inextricável. Não se afrenta uma sem afrentar a outra.

“Wow: o Papa se lança contra os carbon credit, porque encorajam a especulação e o consumo excessivo”. A canadense Naomi Klein, autora de “Não Logos” e do recente “Uma revolução nos salvará. Por que o capitalismo não é sustentável”, dedicado precisamente à relação ambiente-injustiça social, voará ao Vaticano no dia 1º de julho próximo para discutir, junto ao cardeal Peter Turkson e ao professor Ottmar Edenhofer e Bernd Nilles, secretário geral do CIDSE, a nova encíclica, julgada como “um sinal fortíssimo também para os leigos”.



Mundo vive maior crise de refugiados desde a Segunda Guerra, diz Anistia



ONG acusa comunidade internacional de "fracasso vergonhoso" em enfrentar problema e alerta que situação é um dos maiores desafios do século 21. "Nenhum país deve ser deixado sozinho", afirma.

A reportagem é publicada por Deutsche Welle, 15-06-2015

A Anistia Internacional acusou a comunidade internacional de um "fracasso vergonhoso" diante do que chamou de "a pior crise de refugiados desde a Segunda Guerra Mundial", em relatório divulgado nesta segunda-feira (15/06). Segundo a ONG, esse fracasso condena milhões de pessoas a um sofrimento insuportável e leva a milhares à morte.

"Somos testemunhas da pior crise de refugiados da nossa era, com milhões de homens, mulheres e crianças lutando para sobreviver a guerras brutais e redes de tráfico de pessoas, e governos que perseguem interesses políticos egoístas em vez de demonstrarem compaixão", afirmou o secretário-geral da organização não governamental, Salil Shetty, ao apresentar o relatório em Beirute, por ocasião do Dia Mundial do Refugiado, em 20 de junho.

No relatório, a Anistia Internacional faz várias recomendações, como a criação de um fundo para os refugiados e a adoção de um compromisso coletivo para a reinstalação de um milhão de refugiados nos próximos quatro anos.

Para ler a notícia na íntegra, [clique aqui](#).

Curso de Formação Política para Cristãos Leigos/as 2016-2017

Do dia 01/08 a 31/10/2015, estarão abertas as inscrições para a 6ª Turma do Curso de Formação Política para Cristãos Leigos Leigas, oferecido pelo Centro Nacional de Fé e Política "Dom Helder Câmara", em parceria com a Coordenação Central de Educação a Distância da PUC-Rio (CCEAD).

Curso tem como objetivo: Formar cristãos leigos e leigas para a missão política, favorecendo-lhes a aquisição de competência e habilitação para agir como cristãos no complexo campo da política; Fomentar em noso país um pensamento social cristão à luz do Ensino Social da Igreja e dos valores evangélicos.

Destinatários: Lideranças das comunidades eclesiais, pastorais sociais, movimentos e organismos; Participantes de organizações e movimentos sociais; pretendentes a cargos em instâncias políticas; Militância política: sindical, popular, partidária, conselhos municipais paritários e outras áreas.

Critérios de participação: Identidade cristã de vivência e participação; Compromisso de participar das etapas previstas pelo curso e de realizar os trabalhos solicitados; Conclusão do ensino médio (exceções serão analisadas); Compromisso de ser agente multiplicador; Carta de apresentação da entidade que o envia; Conhecimento e acesso à internet para o curso a distância.

Para obter maiores informações sobre o curso, acesse o link: <http://www.cefep.org.br/curso>



Fonte: CEFEP

Acesse o site do CEFEP

www.cefep.org.br

Aí você encontrará documentos e artigos atuais e importantes relacionados à temática Fé e Política

Expediente

Centro Nacional de Fé e Política "Dom Helder Câmara"

Secretaria: Av. W5 Norte SGAN Quadra 905 Lote C

Cep: 70790-050 Brasília-DF

Fone/fax: (61) 3349 4623

e-mail: cefep@cefep.org.br

Elaboração: Sidney Sabino

Revisão: Pe. José Ernanne Pinheiro